

Recordes nas eleições da Índia: “As pessoas estavam ávidas por uma mudança política.”

Cinco perguntas para Sarah Hees em Nova Délhi

Sarah Hees

MAIO 2014

- Após cinco semanas de maratona eleitoral, as eleições legislativas da Índia finalmente terminaram. Segundo a revista Time foi o “maior projeto de gestão” de todos os tempos. Será que foi a mãe de todas as eleições?

As eleições nacionais na Índia realmente quebraram todos os recordes: Foram as eleições mais longas e caras da história da Índia. De um total de 815 milhões de eleitores inscritos, dos quais 120 milhões de pessoas estavam votando pela primeira vez, 66 % foram às urnas votar. A participação foi a mais alta de todos os tempos.

Atrás deste esforço organizacional gigantesco está uma Comissão Eleitoral extremamente profissional e eficiente considerada incorruptível por todos. Foi ela quem zelou para que 930.000 urnas eletrônicas estivessem disponíveis - tanto nos vales remotos das montanhas do Himalaia como nas favelas densamente povoadas em Mumbai.

Mesmo nas regiões ameaçadas por grupos guerrilheiros maoístas bem

como na região da Caxemira, onde perdura uma disputa internacional, os habitantes puderam dar o seu voto. A fim de garantir a segurança, todo um contingente de forças de segurança foi mobilizado em todo o país durante as nove fases eleitorais. As eleições foram realizadas sem casos significativos de violência ou acusações de fraude, marcando de fato uma festa da democracia.

Graças ao uso de urnas eletrônicas e a publicação dos resultados da contagem em tempo real, foi possível anunciar extrapolações confiáveis imediatamente após o início da apuração na manhã do dia 16 de maio. Na mesma tarde, prognósticos bastante confiáveis já estavam prontos e levaram os partidos a declarar respectivamente ou a sua vitória ou a sua derrota.



Os resultados também foram inéditos: O partido nacionalista hindu *Bharatiya Janata Party* (BJP) obteve uma vitória e tanto, de modo que poderá governar com maioria absoluta no futuro. Como explicar esta conquista?

Após dez anos de governo do Partido do Congresso, as pessoas estavam ansiosas por uma mudança política. O partido de oposição nacionalista hindu BJP, ou melhor, seu principal candidato, o cintilante Narendra Modi, representam esta transformação. Não por último, graças a uma campanha de imagem moderna e dispendiosa, prometendo desenvolvimento com uma boa pitada de nacionalismo hindu.

Narendra Modi é enxergado como reformador e um homem de ação no campo político-econômico. Ele se adorna com os louros dos sucessos econômicos (que não deixam, porém, de suscitar certa polêmica) conseguidos do estado Gujarat, onde atua como governador há 15 anos. Apesar de outros estados poderem apresentar avanços econômicos comparáveis e os indicadores sociais de Gujarat ficarem abaixo da média, acredita-se que consiga dar novo folego à economia indiana um tanto desaquecida. Principalmente homens jovens enfrentam desemprego e pobreza na Índia e o que eles mais desejam são empregos. Por isso, sobretudo aqueles que votam pela primeira vez veem um sinal de esperança em Modi, um líder carismático e decidido.

Já o partido governista, o Partido do Congresso, sofreu o pior resultado da sua história. Perderam 162 assentos, de modo que lhe restam agora a apenas 44 deputados na Câmara Baixa. Como se chegou a este resultado eleitoral catastrófico?

Os eleitores culpam o Partido do Congresso pelos grandes escândalos de corrupção que eclodiram nos últimos anos. Esta situação ainda é agravada pelo governo ruim, a recente desaceleração econômica devido ao atraso nas reformas e uma paralisia política do parlamento.

O resultado das eleições é uma resposta para as elites partidárias tidas como arrogantes e corruptas. Um certo cansaço dos eleitores para com o Partido do Congresso, que definiu o rumo político na Índia desde a independência em 1947, foi talvez também decisivo. A cúpula do partido é dominada pelas famílias Nehru/Gandhi, mas Raul Gandhi, o vice-presidente do partido, demorou a aceitar o papel de candidato a primeiro ministro e sua hesitação acabou sinalizado falta de liderança.

Os esforços de Raul Gandhi em promover uma reforma interna no partido não foram coroados de êxito. Foram introduzidas eleições primárias, seguindo o modelo dos EUA, com o propósito de tornar a nomeação dos candidatos dos distritos eleitorais mais transparente. Para uns, o experimento não foi longe o suficiente, para outros, foi rejeitado por ser demasiado substancial. Além disso, começaram a circular boatos que dinheiro e relações de poder teriam distorcido o processo.

Já o primeiro ministro Manmohan Singh destacou-se no final apenas pelo seu silêncio e muita indecisão política. A atitude cansada, o jeito de vagar destas lideranças e a má comunicação com os eleitores também devem ter contribuído para a derrota nas urnas. Paralelamente, ainda faltou inspiração na campanha eleitoral, não conseguiram veicular os sucessos do governo, e convertê-los em apoio político - como por exemplo, o direito à educação para todos ou o maior programa de criação de empregos do mundo.

A coalizão governamental *Aliança Progressista Unida* (United Progressive Alliance - UPA) padecia com disputas internas pelo poder político, o que comprovou que falta margem de manobra e capacidade de atuação a uma coligação tão ampla. Partidos regionais dos estados Bengala Ocidental e Tâmil Nadu mostraram que a influência crescente de partidos regionais na política externa pode causar grandes estragos na capacidade de atuação da Índia em relação aos países vizinhos.



Antes das eleições, falou-se muito do novo Partido Aam Admi (AAP), autoproclamado partido de combate à corrupção. Após os primeiros sucessos em nível local no ano passado, muitos passaram a achar que poderia desempenhar um papel no plano nacional. Nas eleições gerais, a legenda conquistou míseras 4 cadeiras. Isto significa que já era?

O AAP cometeu vários erros táticos após a surpreendente vitória em Nova Délhi em 2013. O fato que provavelmente mais pesou contra o partido foi a renúncia do governo do AAP em Délhi apenas 49 dias após a posse, por isso o AAP não conseguiu sequer um mandato nas eleições legislativas em Nova Délhi.

Passado pouquíssimo tempo, o AAP nomeou candidatos em todo o país para as eleições nacionais, em vez de consolidar primeiramente a base de poder do jovem partido na capital e nos centros urbanos. Um erro especialmente grave, que eventualmente até acabou sendo fatal, foi a tentativa do líder popular do partido, Arvind Kejriwal, de desafiar Modi, o chefe do BJP, justo na circunscrição dele, desperdiçando recursos precisos em uma luta de titãs completamente sem sentido, enquanto outros candidatos ficaram praticamente sem apoio. Mesmo assim, o AAP conseguiu-se estabelecer como partido regional no estado Punjab.

Se o AAP concentrar-se, a partir de agora, em construir as estruturas partidárias cuidadosamente de baixo para cima, desenvolver os conteúdos programáticos e apostar em qualidade e não quantidade na escolha dos seus candidatos, poderia desempenhar um papel no plano nacional. Devemos esperar para ver se o BJP vai mesmo cumprir as suas promessas de boa governança e desenvolvimento. A corrupção deve, contudo, continuar

sendo um tema em pauta mesmo com o BJP no comando, o que pode vir a ser uma chance para o AAP se destacar.

No passado, o primeiro-ministro designado, Narendra Modi, já atraiu a atenção com comentários críticos do Islã. Será que voltará a haver tensões entre a sociedade majoritária e os quase 140 milhões de muçulmanos?

Trata-se de uma ameaça real, pois a violência religiosa é recorrente na Índia e pode rapidamente ganhar escala. No início de maio houve, por exemplo, tumultos violentos no estado de Assam entre tribos bodo locais e muçulmanos.

Por causa dos seus símbolos e da sua retórica nacionalista hindu, os muçulmanos e outras minorias nutrem certa desconfiança em relação ao BJP. Seria bom para o BJP se cortasse estes medos pela raiz com uma política equilibrada. Outro problema é a grande proximidade entre o BJP e o *Rashtriya Swayamsevak Sangh* (RSS), grupo hindu de cunho fundamentalista e que considera o BJP seu braço político. O BJP contou com amplo apoio do RSS durante a campanha eleitoral, mas agora Modi terá de lidar com estes elementos radicais, pois no dia da eleição já fizeram suas reivindicações para defender seus interesses.

No novo parlamento estarão somente 24 deputados muçulmanos, o número mais baixo de todos os tempos. Os países vizinhos, Bangladesh e Paquistão, acompanham de perto e com certa inquietação a ascensão de Modi, mas presume-se que inicialmente pouco mudará na política externa da Índia. Enquanto durante o último governo do BJP de 1999 a 2004, a relação com o Paquistão foi construtiva para surpresa geral, atualmente todo e qualquer processo de diálogo está congelado.



Sobre a autora

Sarah Hees, desde setembro de 2011 é colaboradora para a Fundação Friedrich Ebert (FES) em Nova Délhi e como coordenadora regional se ocupa intensivamente da política de paz e segurança no Afeganistão e seu entorno regional. Antes ela trabalhava como consultora para a Agência de Cooperação Internacional (GIZ) bem

como para a Fundação Friedrich Ebert na Jordânia sendo responsável pelo escritório da FES em Sanaa (Iêmen).

O artigo foi publicado em alemão pela revista online IPG-Journal: <http://www.ipg-journal.de/kurzinterview/artikel/rekordwahlen-in-indien-die-menschen-hungerten-nach-einem-politischen-wechsel-402/>.

Impressão

Friedrich-Ebert-Stiftung (FES)

Av. Paulista, 2011

13° andar, conj. 1313 - 01311 -931

São Paulo | SP | Brasil

Responsável

Yesko Quiroga e Jean Tible

(fesbrasil@fes.org.br)

www.fes.org.br

As opiniões expressas nesta publicação não necessariamente refletem as da Fundação Friedrich Ebert.

O uso comercial dos meios publicados pela Friedrich-Ebert-Stiftung (FES) não é permitido sem a autorização por escrito da FES.

ISBN 978-85-99138-37-3



9 788599 138373